

"Carta de Sexto Empírico sobre Platão.

A Carta 7.1"

Foi um escravo do Sexto Empírico que escreveu, mas quem contou foi um trácio, amigo de um discípulo do Espeusipo, que era sobrinho de Platão.

Por André da Paz

Desci ontem ao Pireu, para receber os últimos rolos que chegariam de Alexandria, para terminar de escrever a minha história sobre a vida dos filósofos ilustres. Fazia calor. Um dia quente e o litoral ajudar-me-iam a organizar as últimas ideias. No meio do caminho, quando paramos para descansar, surgiu um garoto e me chamou.

– Diógenes, espere! – disse o garoto. – Meu senhor, Sexto Empírico, pediu para você retornar à cidade, para conversar sobre um problema.

– Acalma-te, ó garoto – disse eu. – Estou em direção do Pireu, na volta passarei na casa de Sexto Empírico.

– Tem que voltar agora, ó Senhor Laércio. Meu senhor parte para Alexandria e necessita da tua presença.

Ao chegar na casa de Sexto Empírico, notei todas as coisas fora do lugar. Sobre a mesa, havia um grande rolo de estudo, cuja aparência reconheci imediatamente: *ta physika*, de um dos discípulos de Platão. Quando olhei para Sexto Empírico, notei um desconforto em seu olhar.

– Diógenes, por Zeus! Ainda bem que veio – disse ele, colocando a mão sobre outro rolo, que estava depois da *physika*.

– Mandaste o escravo com tanto desespero, ó homem. Estava no meio do caminho quando o garoto insistiu que eu voltasse. Te mandei aos corvos e regressei a Atenas.

– Acalma-te, ó Diógenes. Temos um assunto preocupante para discutir.

Sexto Empírico encontrou em uma das seções do rolo, chamada alfa menor, em que o discípulo de Platão apresentava a preleção “sobre o Bem”, na qual, segundo ele, Platão falava sobre o Bem e identificava sua essência com o Uno.

– Mas isso é um absurdo! – disse eu, enquanto lia as passagens do texto do discípulo. – Não é possível que ele espere que acreditemos em uma bobagem dessas – respondi firmemente, enquanto Sexto Empírico terminava de temperar o carneiro.

– Exato, caro Diógenes. Passe o azeite, por favor. Está ali, do outro lado. Como eu dizia, no entanto, a maioria não sabe o que sabemos. Lembra da conversa que tive com um amigo de Espeusipo, sobre uma discussão que o sobrinho de Platão tivera com ele na Academia, antes de sua morte? A maioria não sabe do conteúdo dessa discussão. Daqui a 20 séculos, quando lerem este texto escrito pelo discípulo brilhante de Platão, vão acreditar nessa passagem.

– Se me lembro bem, ó Sexto Empírico, Platão estava escrevendo aquela carta à família de Díon, quando Espeusipo o interrompeu e resolveu conversar sobre essa questão.

– Isso mesmo, jovem Diógenes. Mas acredito que você não está lembrado da conversa que Platão teve com Espeusipo. Nessa conversa, eles já sabiam que o discípulo havia deturpado seus ensinamentos e Platão já sabia das futuras tentativas de seu discípulo de desqualificar as doutrinas da Academia.

– Por Apólo! Você está certo. Eu já não me lembrava. De tanto escrever, com o tempo perdi a capacidade de relembrar facilmente das coisas do passado.

– É isso o que tem acontecido em nosso tempo. Isso é resultado de pouca prática de diálogo e muita de escrita, ó Diógenes. Por isso Platão estava certo. Não conseguimos mais exercitar a memória, já que a escrita faz o papel de relembrar-nos tudo o que temos de lembrar. De qualquer modo, eu registrei o que o discípulo de Espeusipo contou a seu melhor amigo, aquele jovem trácio que revelou a mim toda a conversa entre Platão e seu sobrinho.

Nesse instante, depois de algumas taças de vinho, chamamos o escravo. Ele trouxe o rolo no qual Sexto Empírico havia registrado a conversa entre Platão e Espeusipo sobre o Bem, revelada pelo trácio que havia escutado essa história

do discípulo de Espeusipo, o qual o sobrinho de Platão havia confiado a conversa.

– Vai, menino! – disse Sexto Empírico – lê isso para nós dois, pois é de suma importância para as nossas investigações.

– Sim, senhor – disse o escravo. – Mas vou ler sem as pausas, como se fosse uma conversa entre duas pessoas.

– Isso mesmo – disse eu. – Tu não és um escravo desavisado, ó menino. O escravo, então, pôs-se a ler, e em pouco tempo toda a sala de Sexto Empírico sumiu com o tempo, ao longo de cada fala lida pelo garoto. Tudo deu espaço às conversas da Academia e o local voltou no tempo, com as memórias de Platão a tornarem-se vivas novamente para nós dois.

Espeusipo estava hesitante. Não queria interromper o Mestre. Platão estava no meio da carta que escrevia para a família de Dion. Na verdade, um escravo registrava no papel o que o Mestre ditava para ele. Espeusipo já estava vermelho e prestes a explodir, quando não aguentou mais esperar o Mestre terminar aquela carta e o interrompeu.

– Depois disso – disse Platão ao escravo, – escreva o seguinte: “Mas, não considero bom abordar aos homens essa questão de que estamos a falar, senão a uns poucos, quantos forem capazes de descobrir por si próprios, com pequena indicação. Quanto aos outros, a uns essa abordagem encheria de um infundado desprezo, a outros, de sublime e frívola esperança, como se fossem doutos em coisas venerandas”.

– Por Zeus! Você terá que terminar essa carta em outro momento.

– Que dizes? – respondeu Platão, em um salto em meio a sua caminhada em círculos na sala da Academia, surpreso com a interrupção de seu sobrinho.

– Seu discípulo não para de escrever aquelas besteiras que sempre fica registrando naqueles seus rolos para cima e para baixo. O Escritor continua perdendo tempo com seus textos.

– Espeusipo... – Respondeu Platão, de olhos fechados, massageando suas têmporas e tentando manter a calma – Creio

que poderemos ter essa conversa em outro momento. Estava em um ponto *importante* da minha carta aos familiares de Díon.

– Mestre, tu não entendes a gravidade do que aquele seu discípulo está a registrar. Segundo dizem no Liceu, ele escreveu sobre o Bem.

– Por Zeus! Como isso é possível?

– Pois bem. E essa não é a pior parte...

– Que dizes, Espeusipo? Anda, homem, fala sobre o que ele escreveu dessa vez.

– Ele disse que você fez uma preleção sobre o Bem e revelou a todos na Academia que o Bem era o Uno.

– Pelo cão! Isso é impossível. Ele não poderia ter feito uma coisa dessas com os nossos ensinamentos. Ele foi meu melhor aluno e o que mais conhecia a doutrina.

– Segundo dizem no Liceu, o Escritor está desenvolvendo a sua própria doutrina, por isso quer desqualificar a verdadeira filosofia.

– Os conhecedores da verdadeira filosofia, Espeusipo, não vão acreditar nem um pouco nesses escritos. Eles sabem muito bem que o Bem está para além de todas as coisas em majestade e poder. Não é possível defini-lo ou colocá-lo em discurso, haja vista que a definição diz respeito a transitoriedade das palavras, que falam sobre o saber, sobre a qualidade das coisas. Somente através da verdadeira filosofia, é capaz um filósofo pôr sua alma em direção daquilo que sempre é. Ninguém que tenha juízo ousará expor pela linguagem o seu pensamento, por causa da fragilidade do discurso, e isso em caracteres imóveis, como acontece com os escritos. Na medida em que o Bem diz respeito ao ser e não a qualidades, as palavras nada revelam sobre ele. Não seria possível eu ter proferido tal discurso na Academia, muito menos tê-lo escrito em nenhum de meus diálogos que correm por Atenas e são lidos pelos que buscam a verdadeira filosofia. A alma que busca a Verdade volta-se para o ser, não para as qualidades. E este, ó

Espeusipo, não é possível ser proferido por palavras, muito menos ensinado em uma preleção.

– Isso é sabido por todos nos na Academia, ó Mestre. E é por isso que me preocupo. Aqueles que não foram iniciados nos mistérios jamais saberão desses detalhes, e futuramente vão acreditar no que ele–

– Ei! Escravo! Que fazes nesse rolo? – Enquanto Espeusipo falava, Platão notou o escravo registrando a conversa deles no meio da carta para a família de Díon. – Não era para tu escrever nossa conversa no meio da carta! Remova esse pedaço do rolo e continue depois que terminar essa conversa com meu sobrinho.

– Pode parar, menino – disse Sexto Empírico. – Nós já temos o que precisávamos. Como podes notar, Diógenes, essa desqualificação à doutrina de Platão que está sendo feita por seu discípulo já era sabida na Academia e vai totalmente de encontro aos ensinamentos de seu mestre.

– Sim, meu amigo. Mas isso sabemos nós. Infelizmente, isso aqueles que lerem essa desqualificação no futuro jamais saberão. Que faremos?

– Deixe que eles descubram por eles mesmos. Como diria mestre Pirro, esse conflito das doutrinas sempre existirá, enquanto buscarem a verdade. No momento em que buscarem a tranquilidade da alma, a preocuparem-se com aquilo que é evidente, nada disso importará a ninguém. Essa confusão não diz respeito a nós, mas chamei a ti, ó Diogenes, para que possas relatar isso em sua história sobre a vida dos filósofos, antes que ela seja finalizada. Esse rolo com a conversa entre Platão e Espeusipo, por sua vez, jamais será lido por mais ninguém.

E antes que eu pudesse protestar, Sexto Empírico levantou-se e lançou o rolo no fogo da lareira, fez honras a Hestia e pôs-se a beber mais vinho.